

UNESP – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Departamento de Comunicação Social

SE ESSA RUA FOSSE MINHA

Orientanda:
JÚLIA PICCOLO VON ZEIDLER

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a LORIZA LACERDA DE ALMEIDA

Banca examinadora:
Prof. Dr. ARLINDO REBECHI JUNIOR
Prof. Dr. ELIANE PATRICIA GRANDINI SERRANO

Bauru – SP
2017

UNESP – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Departamento de Comunicação Social

SE ESSA RUA FOSSE MINHA

Júlia Piccolo Von Zeidler
131032844

Projeto Experimental apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Radialismo, ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, atendendo à resolução de número 02/84 do Conselho Federal de Educação.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Loriza Lacerda de Almeida

Bauru – SP
2017

Dedicado à minha mãe, a mulher mais inteligente do mundo.

Agradeço a minha amiga e orientadora Professora Dr. Loriza Lacerda pelas horas de conversa
em sua sala.

À minha família por me proporcionar tudo que eu tenho.

Aos meus amigos por acreditarem em mim.

E à Bauru por ter sido minha casa nos últimos anos.

“Quem não sabe fazer cambalhota não sabe fazer revolução”

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Artista no farol	20
Figura 2: Plano próximo	22
Figura 3: CG personalizado – Palhaços	23
Figura 4: Documentário Pixo- Arte do videografismo relacionada ao tema retratado	23
Figura 5: Chamada do programa OFF Docs	24
Figura 6: Enquadramento valorizando o assunto	24
Figura 7: Frame do documentário Sou Circo! - Enquadramento criativo e colorido	25
Figura 8: Entrevista com Markinhos - Cores saturadas	25
Figura 10: Equipe quase completa	28
Figura 11: Gravação com câmera Reflex	32
Figura 12: Mapa da entrevista com a Raxi	34
Figura 13: Mapa da entrevista com o Markinhos	36
Figura 14: Mapa da entrevista com a Fran	37
Figura 15: Mapa da entrevista com o Choco	39
Figura 16: Uso da GoPro no lugar de uma das claves	39
Figura 17: Uso da GoPro no lugar de uma das claves	40
Figura 18: Mapa da entrevista com a Carina	41
Figura 19: Mapa da entrevista com o Lucas	43
Figura 20: Mapa da entrevista com a Anny	44
Figura 21: Desfoque das luzes dos carros usado nos créditos iniciais	46
Figura 22: Logo do projeto	48
Figura 23: Imagem com tratamento de cor	50
Figura 24: Imagem sem tratamento de cor	50

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Tabela de gastos

29

RESUMO

O documentário *Se Essa Rua Fosse Minha* fala sobre o circo de rua a partir do ponto de vista de sete artistas circenses que utilizam a rua como palco. Dando voz aos que estão inseridos nesse universo, o filme discute temas como arte de rua, preconceito e trabalho, com a intenção de trazer compreensão e reflexão sobre outros estilos de arte, trabalho e vida. Além de resgatar a essência história do circo de itinerância e independência.

Palavras-chave: Documentário. Arte de Rua. Circo.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
A IDEIA.....	12
1.1 O projeto	12
1.2 Justificativa	13
1.3 Objetivos Gerais	13
1.4 Objetivos Específicos.....	14
REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 O circo	15
2.2 A Arte de Rua	17
2.3 Impressões sobre o circo de rua	19
2.4 O gênero documentário.....	21
REFERENCIAL ESTÉTICO	22
3.1 GCs personalizados	22
3.2 O canal OFF	24
3.3 Documentários para Internet.....	25
PRÉ PRODUÇÃO	26
4.1 A criação.....	26
4.1.1 Temas	26
4.2 A Equipe	27
4.3 Tabela de Gastos	28
4.3.1 Patrocínio e Parcerias.....	29
4.4 Definindo personagens e elaborando entrevistas	30
PRODUÇÃO	32
5.1 Os Equipamentos	32
5.2 As Entrevistas	33
5.2.1 Raxi Figueiredo	33
5.2.2 Markinhos	35
5.2.3 Fran Marinho.....	37



	10
5.2.4 Choco.....	38
5.2.5 Rio de Janeiro.....	40
5.2.6 Carina Ninow.....	40
5.2.7 Lucas.....	42
5.2.8 Anny.....	43
5.3 Os espetáculos.....	44
5.4 As últimas gravações.....	45
PÓS PRODUÇÃO.....	47
6.1 O Roteiro.....	47
6.2 Identidade Visual.....	47
6.3 Trilha Sonora.....	48
6.4 A Montagem e Finalização.....	49
6.5 Divulgação.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
APÊNDICES.....	55



INTRODUÇÃO

Este projeto se dedica a descrever o processo de criação e produção do filme Se Essa Rua Fosse Minha, um documentário sobre circo de rua que ao colocar em foco os próprios artistas, busca representar esse universo, discutindo assuntos como preconceito, trabalho e arte.

Para isso, passará pelas etapas de pré-produção, relatando o método de pesquisa e criação, produção, esclarecendo questões técnicas e específicas e pós-produção, descrevendo o processo de montagem, edição e finalização do filme.

O documentário, que tem 35 minutos de duração, foi produzido de maneira totalmente independente e é resultado de um projeto de conclusão de curso do curso de Comunicação Social - Radialismo da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", no ano de 2017.

A IDEIA

O circo está presente na minha vida desde 2012 quando comecei a frequentar aulas de circo oferecidas por um projeto da prefeitura municipal da cidade de São Bernardo do Campo. O documentário está presente desde a mesma época, quando descobri meu amor pela fotografia e conseqüentemente, desenvolvi um interesse muito grande por tudo que se trata da realidade social.

Durante os quatro anos da graduação, me afastei do circo e claramente me aproximei do documentário, embora não tenha sido uma matéria específica da faculdade. Tentei inúmeras vezes voltar ao universo do circo, me aventurando cada vez em diferentes equipamentos e modalidades: tecido, lira, equilíbrio, malabares. Sem muito sucesso em nenhum deles, meu amor pelo circo ficou por muito tempo guardado em uma caixinha, sem ser expresso.

Quando chegou à hora de pensar em um projeto de conclusão de curso, vi a oportunidade de finalmente expressar minha admiração pelo circo, utilizando de algo que eu sei, ou pelo menos deveria saber fazer. Quando me perguntam o porquê de eu ter escolhido esse tema, respondo que foi a chance que eu tive de fazer algo pelo circo e estar dentro desse mundo mágico, já que me falta coordenação motora para fazer isso de outras maneiras.

1.1 O projeto

Se Essa Rua Fosse minha é um documentário de curta metragem que coloca em foco o circo de rua. A partir do ponto de vista dos próprios artistas busca representar a identidade dessas pessoas e questiona o lugar que o circo e arte de rua ocupam na sociedade. O documentário se articula com base no ponto de vista dos próprios artistas, abordando suas identidades e histórias de vida e assim protagonizando o circo de rua a partir dos que estão inseridos nessa realidade.

Nele, temas como arte de rua, preconceito e trabalho são discutidos a fim de compreender melhor um universo muito pouco explorado e incentivado pela mídia e políticas públicas.

O documentário, que tem o intuito de ser disponibilizado gratuitamente na internet, busca atingir todos os tipos de pessoas e trazer uma reflexão sobre a utilização da rua como fonte de inspiração e criação, se tornando um grande palco aberto.

1.2 Justificativa

A necessidade de falar sobre o circo, em especial o circo de rua, se justifica pela posição que ele ocupa na sociedade atualmente, já que, em relação a outras artes milenares como a música e o teatro, o circo é o que recebe menos apoio das políticas públicas e da grande mídia. Pretende-se atrair olhares ao abandono que o circo vem sofrendo na contemporaneidade e ao preconceito que precisa enfrentar para se manter vivo.

Desde sempre, o circo atrai olhares curiosos às suas apresentações e espetáculos, entretanto, é difícil se deparar com olhares curiosos o suficiente para estarem dispostos a conhecer a realidade circense a fundo. Como aponta Bastos (2013), é raro encontrar pessoas que se interessem e procurem compreender sobre as estruturas que mantêm e dão suporte ao circo por trás da grande lona. Dessa forma, o documentário busca dar voz ao circo de rua e mostrar o ponto de vista dos que participam desta realidade, que enfrenta ainda mais dificuldades quando praticada fora da conhecida lona colorida, compreendendo suas relações sociais e pessoais, com o intuito de valorizar o trabalho e a arte destes profissionais.

Além disso, é preciso salientar a importância da arte de rua e sua relação com a utilização do espaço público, em especial o urbano, para o entretenimento, já que desde os primórdios o circo leva a beleza do espetáculo ao âmbito popular.

Por fim, é necessário ressaltar que não há, no curso de Comunicação Social – Radialismo da UNESP, um estudo específico sobre documentário. Sendo assim, a realização deste projeto também se justifica a partir da possibilidade de se aprofundar nesse gênero fílmico que busca tratar da realidade.

1.3 Objetivos Gerais

Produzir um documentário sobre o circo de rua e para isso acompanhar a rotina de artistas circenses nas ruas de diferentes cidades, captando imagens, entrevistas e depoimentos dos mesmos. Além disso, representar o ponto de vista dos artistas sobre a arte de rua, ressaltando a relação entre trabalho e arte.



1.4 Objetivos Específicos

Retratar a história de vida e o dia-a-dia de artistas de circo de rua com o intuito de compreender a relação entre trabalho e arte dentro deste universo.

Ressaltar a presença da arte circense nos espaços públicos das cidades, compreendendo sua importância como trabalho, lazer e arte.

Buscar conhecer a identidade desses artistas - quem são eles, quais suas histórias e suas experiências de vida.

Abordar a relação do artista de rua com o público e as dificuldades decorridas do ambiente, como o preconceito.

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O circo

Assim como a música e o teatro, o circo é considerado uma arte milenar. Pinturas encontradas na China de mais de 5 mil anos já mostravam artistas contorcionistas, acrobatas e equilibristas em ação. Além disso, existem registros de que os gregos, os egípcios e os indianos já praticavam algum tipo de atividade circense há milênios atrás.

No Império Romano, o circo passou a incorporar uma forma mais próxima a que se conhece hoje em dia. O *Circus Maximus*, construído em VI. a.C., é considerado o primeiro picadeiro que existiu. No início, contava com corridas de carruagens, que foram substituídas por lutas de gladiadores e depois por apresentações com animais selvagens e até mesmo engolidores de fogo. Com o grande incêndio que destruiu o conhecido *Circus Maximus* em 64 e a influência cristã, que considerava pecaminosas tais manifestações artísticas, esse modelo de circo acabou perdendo sua força (DUPART, 2007).

No começo da idade média surgiram as primeiras famílias de saltimbancos, que viviam viajando de cidade em cidade fazendo apresentações artísticas. Além disso, nesse momento, a arte circense começou a invadir as ruas e as praças da cidade dando o primeiro passo para o que hoje se chama de Circo de Rua.

Foi em Londres, entretanto, que o Circo Moderno se estruturou. Em 1768, Philip Astley criou um ambiente onde o público pagava para assistir seu espetáculo de acrobacias com cavalos e devido ao sucesso atingido ele passou a contratar outros artistas e fazer apresentações internacionais. A partir disso, os espetáculos passaram a acontecer por toda a Europa, aumentando o número de companhias de circo, que logo atingiram outros continentes e assim se revela a origem de uma das características fundamentais do circo até hoje em dia: a vida itinerante.

O circo moderno é resultado da conjunção de dois universos espetaculares até então distintos: de um lado, a arte equestre inglesa, que era desenvolvida nos quartéis; de outro, as proezas dos saltimbancos (BOLOGNESI, 2002).

No Brasil, o circo chegou com os imigrantes ciganos vindos da Europa no início do século XIX, tendo seu primeiro registro oficial com o circo Giuseppe Chirini datado em 1834. Reforçando o caráter itinerante do circo, essas famílias deslocavam-se de cidade em cidade com suas apresentações, que se relacionavam principalmente ao ilusionismo e a domaçaõ de animais selvagens, como ursos. A chegada em um território tão grande e diverso como o Brasil fez com que fosse necessário que esses artistas adaptassem seus espetáculos a cada público que encontrassem, já que determinados públicos não aceitavam bem alguns tipos de apresentação, dessa forma, o circo foi criando sua própria identidade pelo país. O circo brasileiro ficou conhecido como Circo Tradicional, pois carrega em sua essência a família e a transmissão dos saberes a partir da oralidade.

Por fim, a aproximação do circo com outras artes como a dança e o teatro criou um novo modelo de circo chamado Novo Circo ou Circo Contemporâneo. Nesse momento, o circo se expandiu para além das grandes companhias e os circos de famílias tradicionais e possibilitou que qualquer pessoa pudesse aprender e praticar a arte circense. Dessa forma, surgiram as primeiras escolas de circo, como a escola Picolino de Artes do Circo, em 1985, localizada em Salvador. Hoje praticada e ensinada pelo mundo todo, essa modalidade circense ganhou as ruas, as praças e as cidades.

Atualmente, o circo enfrenta diversas dificuldades para se manter ativo dentro do país. Em relação às outras grandes artes, como a dança, o teatro e a música, ele se encontra em uma posição desfavorecida, já que são poucas as políticas públicas direcionadas à atividade circense. Além disso, muitas são as dificuldades que os artistas circenses encontram devido à vida itinerante como a falta de acesso a escola e a saúde. Segundo a presidente da União Brasileira de Circo, Marlene Querubim, o retrato do circo no Brasil ainda não é claro, o que influencia essa condição desfavorável. Em 2013, estimava-se que cerca de 30 mil artistas profissionais de circo estavam em atividade em grandes, médios e pequenos circos pelo país, entretanto, esse número não é oficial e excluem diversos artistas independentes, principalmente os de artistas de rua.

Nós somos admirados, respeitados pela sociedade, mas essa mesma sociedade tem preconceito, pois não temos um endereço, um CEP. Vivemos esse antagonismo: de um lado, o povo nos ama por tudo o que o circo representa; de outro, a burocracia e as dificuldades de não existir. Precisamos de um sistema diferenciado para enquadrar os artistas do circo, pois estamos sempre mudando. Eu não tenho como



comprovar endereço. Eu não moro, eu estou em um lugar. Cada dia fica mais difícil exercer a atividade circense no país em função da falta de políticas públicas para o circo (QUERUBIM, 2013).

2.2 A Arte de Rua

Arte Urbana pode ser definida como uma arte contemporânea, de cunho popular, que é feita em espaços externos da cidade, sobre o mobiliário urbano (...) Ela é transgressora já que, em certo sentido, não respeita os limites do público e do privado para se fazer expressar. (FERREIRA, 2011).

A arte de rua, ou arte urbana, como é chamada por pesquisadores e estudiosos desta área, não é uma prática nova embora seja um conceito ainda pouco explorado. Em suma, a arte urbana se refere à arte feita em local público, seja ela pintura, escultura, performance, espetáculo, entre outras. Dessa forma, a arte de rua é aquela que está diretamente relacionada com o ambiente urbano e as possibilidades que ele oferece ao artista, utilizando-o como palco, tela ou material. Entretanto, não é só no sentido de ocupação que a arte de rua se relaciona com o espaço urbano, já que é nele que se constituem as relações sociais. Assim, é certo que a arte de rua, desde seu início, traça linhas entre estética e expressão social, utilizando disso para construir um discurso único.

A arte pública, a arte que se faz no espaço público, o gesto, a intervenção, o evento, a instalação, o espetáculo, a apresentação, a arquitetura (...) exerce sobre o social preexistente um impacto, em que talvez a hegemonia seja confirmada ou desafiada, mas, mais importante que isso, em que algo do novo desse social passa a ter existência. Pode-se também dizer, portanto, que no impacto é o social que impacta. (PALLAMIN, 200, pg. 11)

Desde a antiguidade existem registros da manifestação do que se conhece hoje como arte de rua. A sociedade romana, por exemplo, já utilizava do recurso de escrever sobre as paredes para expressar suas relações sociais. Segundo Ferreira (2011), sabe-se que muitas casas acordavam com os muros escritos demonstrando repúdio ou admiração aos seus moradores desde aquela época.

A arte de rua de forma contemporânea nasceu na Europa. Nos anos 30 já era possível perceber a presença do grafite e outras manifestações urbanas em Paris, por exemplo, mas foi



a partir dos anos 70 que a arte de rua passou a se desenvolver e se expandir pelo mundo, levando consigo ligações muito fortes com a contra cultura e determinadas manifestações políticas. Segundo Lara (1996), uma cena alternativa se desenvolvia na Europa nesse período e competia com a arte patrocinada pela indústria cultural. Nesse contexto, a rua serviu de inspiração e palco para novas produções artísticas, o que ocasionou na revitalização dos espaços urbanos e o desenvolvimento de novas e posteriormente inúmeras formas de se utilizar o espaço público.

Desde então, passou a ser possível encontrar artesões, músicos, mímicos e os mais diversos artistas pelas ruas das capitais européias, propagando uma proposta pacifista, multicultural e muitas vezes anarquista. Por isso, como afirma Pallamin (2000), é impossível associar a arte de rua somente a questões estéticas, como se a arte se adequasse ou se acomodasse ao ambiente urbano, quando na verdade, utiliza dele para criar novas possibilidades.

Sob o ponto de vista processual, a relação entre arte pública e espaço urbano não é de justaposição, nem a inserção neste, de “objetos ilustrativos” de valores culturais. Evita-se a noção de acomodação ou “adequação” da arte. Antes, sua inscrição aí se dá no rolar das transformações do urbano, alterando sua amplitude qualitativamente. Não se trata, pois, de se concentrar no aspecto “fotogênico” do lugar, mas de buscar uma inovação na sua dimensão artística. (PALLAMIN, 2000, pg. 18)

No Brasil, a arte de rua passou a ser reconhecida com a chegada do grafite nos anos 80 e, diferente de como aconteceu na Europa, se desenvolveu com base em um modelo já elaborado, carregando assim este como referência. A ditadura militar e o tempo de crise econômica fortaleceram o crescimento da arte de rua no país que também estava se relacionava com as manifestações políticas, já que a rua se tornou um local de possibilidade de expressão.

Apesar de desenvolvida e valorizada em alguns aspectos (principalmente quando há um esforço de se internacionalizar a arte de rua), ela enfrenta dificuldades, a começar pela principal: não ser considerada arte. Existe ainda uma divisão entre o que se conhece como arte formal e a que, de certa forma, não se enquadra em museus, teatros, galerias, etc. Além disso, a forma como se estrutura e vive a sociedade capitalista e a expansão da tecnologia e das

mídias digitais acabam por contribuir para que essa diferença passe despercebida ou se agrave, já que:

Em uma época em que a cidade, a esfera pública, é ocupada por agentes que calculam tecnicamente suas decisões e organizam tecnoburocraticamente o atendimento às demandas, segundo critérios de rentabilidade e eficiência, a subjetividade polêmica, ou simplesmente a subjetividade, recolhe-se ao âmbito privado. O mercado reorganiza o mundo público como palco do consumo e dramatização dos signos de status. As ruas tornam-se saturadas de carros, de pessoas apressadas para cumprir obrigações profissionais ou para desfrutar uma diversão programada, quase sempre conforme a renda econômica. (CANCLINI, 1997)

2.3 Impressões sobre o circo de rua

As impressões descritas a seguir se baseiam na minha própria experiência com a pesquisa de campo realizada para a produção do documentário. Isso se justifica pelo fato do termo “circo de rua” não constar nas bases bibliográficas levantadas.

Assim como o circo, o circo de rua engloba inúmeras modalidades, sendo o malabares a mais conhecida. O termo malabarismo está relacionado à manipulação de objetos, embora seja muitas vezes entendido apenas como o jogo de claves ou de bolinhas. Ele envolve diversas técnicas que podem ser realizadas praticamente com qualquer objeto, incluindo desde claves, bolas, *diabolos*, bambolês até mesmo objeto inusitados, como facas e tochas de fogo. No circo de rua, é muito comum a presença do fogo dentro dos espetáculos por ser um elemento que chama a atenção do público facilmente nas ruas.

A relação do circo de rua com o público é bastante diferente do que a que se vê no circo tradicional de lona, primeiramente porque não existe separação física entre artista e platéia, como normalmente se vê em picadeiros e teatros em geral. Além disso, o público não busca o artista, mas é interceptado por ele durante sua trajetória, dessa forma, o artista circense de rua está sempre em busca de conquistar o seu público. Por esse motivo, muitos artistas afirmam que receber um aplauso na rua é muito diferente do que receber o mesmo em outros ambientes, nos quais o espectador paga para assistir a apresentação, já que na rua ele não se sente pressionado a assistir, muito menos, a aplaudir.

O circo de rua possui sua própria história, regras e linguagem. A maioria dos artistas utiliza dos semáforos da cidade como palco. No farol, o ritmo de trabalho é acelerado e uma sequência de poucos minutos é repetida inúmeras vezes por dia ao semáforo fechar para passagem dos carros. Nesse caso, a relação com o público acaba não sendo muito direta e há pouca interação, já que é quase sempre mediada pela presença dos vidros dos carros. Segundo os artistas com quem conversei, o farol possui um bom custo benefício embora a quantidade de dinheiro que se pode receber dependa muito da quantidade de horas que se pode trabalhar. Além disso, o farol tem suas próprias regras, já que é um espaço que muitas vezes é dividido com outros tipos de atividades, como vendedores e limpadores de vidro.



Figura 1: Artista no farol
Fonte: Produção própria

Outra forma de se ver o circo de rua é no que os artistas chamam de “roda”. Nesse caso, que é muito comum de ser encontrado em praças, os artistas realizam espetáculos de maior duração e buscam chamar a atenção das pessoas para que elas parem para assistir suas apresentações, formando uma grande roda. Muitas vezes eles atuam sozinhos, mas também há uma movimentação dos coletivos e companhias de circo para organizar eventos em que artistas podem se apresentar juntos, conhecidos como palco aberto. Além disso, é muito comum que os mesmos organizem encontros circenses semanais em praças e locais públicos das cidades para trocas de conhecimento e treino.

Nos dois casos citados acima é possível perceber a cultura do chapéu, como também ocorre com os músicos de rua, por exemplo. Ao fim das apresentações, tanto no farol como nas praças e espetáculos de rua, é comum que os artistas passem um chapéu pelo público, no qual deve ser colocado o dinheiro caso as pessoas sintam vontade de contribuir.

2.4 O gênero documentário

De certa forma, o documentário nasceu junto com o cinema, já que documentar foi o primeiro ato cinematográfico, realizado pelos irmãos Lumière em 1895, ao produzir filmes como *A Saída da Fábrica* e *A Chegada do Trem na Estação*. No entanto, nesse momento a intenção deles estava focada somente no campo do registro. Apenas mais pra frente que a idéia de documentário passou a se assemelhar com o que se conhece hoje. Foi nos anos 20, com os filmes de Robert Flaherty que o termo *documentary* foi utilizado pela primeira vez, ao se referir ao filme *Nanook, O Esquimó*, considerado o primeiro filme não ficcional produzido.

Definir o que é documentário não é uma tarefa fácil. Para uns, é o filme que se dedica a realidade, para outros é o filme não ficcional. Para outros ainda, “todo filme é um documentário” (NICHOLS, 2005).

A constante busca por uma definição correta para este gênero, entretanto, nunca impediu que ele se desenvolvesse, em diversos formatos e estilos. Como afirma Salles (2004):

Num primeiro exame, verificamos que o documentário não é uma coisa só, mas muitas. Não trabalhamos com um cardápio fixo de técnicas nem exibimos um número definido de estilos. É claro que o mesmo pode ser dito do cinema de ficção, mas no nosso caso a instabilidade é incomparavelmente maior. Como observou um crítico, ao contrário do cinema ficcional clássico, o documentário jamais contou com a força estabilizadora da indústria para impor convenções estilísticas e padrões narrativos relativamente homogêneos. (SALLES, 2004)

Instabilidade e realidade são idéias que estão sempre presentes ao se falar em documentário, consideradas a essência do gênero. A partir disso o documentário abre espaço para se discutir o real e, conseqüentemente, o social. Para isso, o documentário como se conhece hoje utiliza de uma infinidade de artifícios para ajudar a criar uma narrativa que retrate a realidade desejada. É importante ressaltar que essa realidade, mesmo que seja específica, não deixa de ser uma verdade.

REFERENCIAL ESTÉTICO

A estética de um documentário está diretamente relacionada à maneira como ele irá construir sua narrativa. A partir disso, o filme *Se Essa Rua Fosse Minha* se propõe a colocar os artistas sempre em primeiro plano, ressaltando que a narrativa parte do ponto de vista deles sobre o circo de rua. Para isso, algumas escolhas estéticas foram feitas desde o início para que fosse possível representá-los da forma mais natural possível, como por exemplo, as entrevistas em ambientes comuns aos entrevistados e sem a interferência de recursos que pudessem causar estranhamento, como a utilização do microfone lapela. Além disso, a utilização de 3 câmeras nas entrevistas está relacionada a intenção de sempre protagonizar os artistas.

Os planos próximos e médios, evitando os abertos e gerais, foram estrategicamente escolhidos para aproximar os personagens do público, já que a intenção é fazer com o espectador saia do filme conhecendo os artistas.



Figura 2: Plano próximo
Fonte: Produção própria

3.1 GCs personalizados

GC, ou gerador de caracteres, é como são chamados os textos de identificação dos entrevistados, ou outras informações como o local, por exemplo, que aparecem com frequência nos produtos audiovisuais.

Como mais uma forma de dar destaque a identidade de cada personagem, a idéia de produzir um GC específico para cada um deles de acordo com suas funções no circo surgiu da Raquel Oyakawa, responsável pela identidade visual do filme. Para este processo, o documentário Pixo (2009), de João Wainer, serviu como referência, pois apresenta uma relação especial entre a arte e o tema retratado no filme, já que os nomes dos entrevistados são escritos nos CGs com a caligrafia de seus respectivos pixos e surgem e desaparecem da tela como tinta.



Figura 3: CG personalizado – Palhaços
Fonte: Produção própria



Figura 4: Documentário Pixo- Arte do videografismo relacionada ao tema retratado
Fonte: Pixo (2009)

3.2 O canal OFF

A intenção do documentário é, em todos os momentos, valorizar e ressaltar a importância do circo e da arte de rua. O Canal OFF, da Globosat, foi uma referência estética desde a criação deste projeto pois utiliza da imagem para valorizar os assuntos abordados. Em específico, o programa “Off Docs”, que apresenta pequenos documentários sobre esportes e viagens, foi utilizado como referência nesta produção. Embora o tema circo de rua não se enquadre totalmente nos assuntos retratados pelo programa, a linguagem estética do documentário Se Essa Rua Fosse Minha se assemelha a do programa, já que pretende focar na beleza estética da imagem como maneira de valorizar o objeto retratado.



Figura 5: Chamada do programa OFF Docs
Fonte: Site oficial do Canal OFF

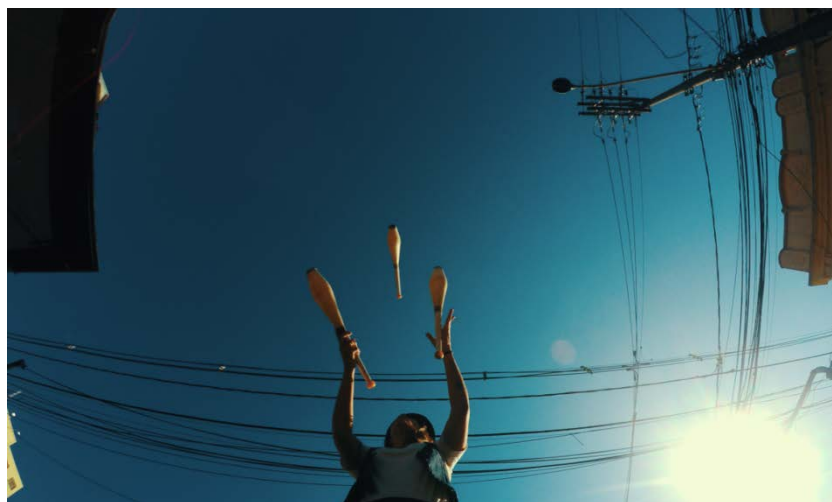


Figura 6: Enquadramento valorizando o assunto
Fonte: Produção própria

3.3 Documentários para Internet

O documentário foi produzido com o objetivo de ser veiculado na internet e por isso sua estrutura foi baseada em outros documentários com a mesma intenção. A principal referência foi o filme *Circo é...Circo* (2016), realizado pelo Sesc e veiculado no canal do Youtube do mesmo. A estrutura narrativa e estética deste filme serviu como base para o desenvolvimento do *Se Essa Rua Fosse Minha*, o que fica claro quando observado as pausas entre os temas retratados e a estrutura das entrevistas.

O curta documentário *Sou Circo!* (2016), dirigido por Alberto Vasconcelos, retrata a vida de artistas circenses que vivem no picadeiro e se configurou um referencial estético para o desenvolvimento deste projeto, pois apresenta uma fotografia bastante saturada, além de contar com a presença de planos criativos que remetem a beleza do circo.



Figura 7: Frame do documentário *Sou Circo!* - Enquadramento criativo e colorido

Fonte: *Sou Circo!* (2015)



Figura 8: Entrevista com Markinhos - Cores saturadas

Fonte: Produção própria

PRÉ PRODUÇÃO

4.1 A criação

Definir o que produzir como trabalho de conclusão de curso não foi uma tarefa fácil. Embora o gênero estivesse definido e houvesse uma enorme vontade de se trabalhar com a temática circense, algumas questões precisavam ser levadas em consideração.

Primeiramente, o circo envolve um universo muito grande, sobre o qual seria impossível produzir um documentário de baixo orçamento que o retratasse de forma correta e completa. Além disso, ao fazer uma rápida busca na internet é possível encontrar uma dezena de curtas documentários sobre circo, os quais se referem quase sempre ao circo tradicional de lona. Dessa forma, produzir mais um documentário que não acrescentaria mais informações do que as já facilmente disponíveis não pareceu uma boa idéia.

Ao pensar em outros assuntos que proporcionariam narrativas interessantes, a questão urbana sempre aparecia, me levando a pensar temas como grafite, pixo e outras manifestações urbanas. Um dia, ao encontrar na esquina de casa um garoto fazendo malabares no farol, percebi que o circo de rua não era um assunto explorado em nenhum dos documentários encontrados na internet e era um universo que poderia ser retratado de uma forma mais localizada. Além disso, acima de tudo, o circo de rua era um universo que as pessoas não conheciam.

4.1.1 Temas

O primeiro passo da criação do documentário foi realizar uma pesquisa de campo e conversar com artistas circenses de rua sobre o que eles consideravam importante estar presente no documentário. Para isso, visitei o galpão do Circo do Asfalto e conheci artistas que estão na rua há anos. Ao perguntar sobre o que eles gostariam de falar sobre o circo de rua o que mais apareceu nas respostas foi a questão da relação familiar e do preconceito. A conversa só fortaleceu a idéia de fazer um filme a partir do ponto de vista dos próprios artistas, com a intenção de dar voz as suas próprias pautas.

A partir disso, foram definidos 6 temas base para o documentário, sendo eles: Arte de Rua, O circo, Identidade, Preconceito, Mulher na Rua e Trabalho.

O primeiro tema a ser definido foi o preconceito com base na conversa com os artistas. No documentário, ele aparece de duas maneiras, o preconceito dentro da família e o preconceito referente à sociedade.

Tratar especificamente sobre arte de rua foi necessário, pois era preciso mostrar como as outras artes urbanas enfrentam conflitos muito parecidos com os do circo de rua. Em seguida, percebeu-se que era importante levantar questões mais específicas e técnicas que norteiam o tema o circo.

A relação entre trabalho e arte é provavelmente um dos temas que mais empolgou os artistas desde a primeira conversa, pois eles vivem diariamente essa relação conflituosa que é uma das marcas do artista de rua.

Por fim, a questão da identidade partiu da orientadora deste projeto, que levantou questões sobre quem são os artistas circenses de rua – idade, escolaridade, classe social. Ela é crucial para que o espectador compreenda a narrativa do filme, já que ele retrata todos os outros temas a partir do ponto de vistas dos próprios artistas.

Após a pesquisa e organização dos temas, o próximo passo foi produzir uma sinopse e um argumento narrativo, que, segundo Lucena (2012), é um texto mais detalhado e específico, sem deixar de ser aberto limitando os caminhos do documentário, que podem ser vistos nos anexos deste trabalho.

4.2 A Equipe

Embora o documentário se refira ao meu projeto de conclusão de curso, produzir este filme sozinha seria impossível. Pensando nisso, no começo do ano de 2016, convidei algumas pessoas para montar uma pequena equipe que me acompanhasse desde o início neste projeto.

A produção do filme em geral contou com uma equipe fixa, porém, bastante reduzida. Sendo ela:

- Direção: Júlia Piccolo Von Zeidler.
- Assistência de direção: Carolina Maris Pereira.
- Produção: Júlia Piccolo Von Zeidler e Vitória Toledo
- Roteiro: Júlia Piccolo Von Zeidler

- Direção de Fotografia: Júlia Piccolo Von Zeidler e Vitória Toledo
- Câmera: Júlia Gargitter
- Direção de som: Thais Martins
- Pós Produção: Felipe Fernando e Andrey Sanches
- Identidade Visual: Raquel Oyakawa



Figura 9: Equipe quase completa
Fonte: Produção própria

Em algumas gravações, contamos com a ajuda de outras pessoas atuando como operadores de câmera, sendo elas a Lívia Sarno e Mayara Vendramini.

A escolha por uma equipe reduzida possibilitou que toda a equipe se envolvesse e contribuísse com um pouco de si para o filme, o que foi muito benéfico para o produto final, já que houve sempre olhares diferentes sobre ele durante sua produção.

4.3 Tabela de Gastos

A produção do documentário ocorreu de forma totalmente independente e por isso foi de baixo custo.

Os maiores gastos foram referentes ao transporte das viagens para as cidades onde ocorreram as gravações, já que não houve gastos com equipamentos, pois possuíamos todos os necessários.

Dessa forma, cerca de R\$1.000,00 reais foram gastos para a realização deste projeto, como pode ser visto na tabela de gastos abaixo:

Item	Valor	Responsável	Observações
4 Pilhas	R\$24,00	Júlia	
Alimentação	R\$12,00	Júlia	Gravação Raxi
Passagens Bauru-SP	R\$150,00	Thaís	Carona + Ônibus + metrô
Passagens Valinhos - SP	R\$70,00	Thaís	
Passagem Bauru	R\$50,00	Júlia G.	Carona + Ônibus + Metro
Passagem Itatiba	R\$30,00	Júlia G.	Ônibus
Passagem Bauru - SP	R\$50,00	Vitória	Carona
Passagem SP - Bauru	R\$96,00	Vitória	Ônibus
Condução em SP	R\$13,60	Vitória	
Passagem RIO-SP	R\$100,00	Júlia/Carolina	2
Passagem SP-RIO	R\$100,00	Júlia/Carolina	2
Gasolina	R\$100,00	Júlia	
Total	R\$995,00		

Tabela 1: Tabela de gastos
Fonte: Produção própria

4.3.1 Patrocínio e Parcerias

A princípio havia a idéia de conseguir patrocínios para ajudar no orçamento, para isso foi desenvolvido um plano de patrocínio pela Vitória Toledo, produtora do filme. Nessa etapa, os personagens ainda não estavam definidos e a produção poderia caminhar para qualquer lugar para realizar as gravações, já que sabíamos apenas que seria necessário sair de Bauru.

Pensando nisso, o plano de patrocínio visava alcançar escolas e projetos relacionados ao circo em diferentes cidades que tinham entrevistados em potencial.

Graças a esse plano, traçamos uma parceria muito importante para o documentário com o Malabarize-se, um canal no *YouTube* dedicado ao circo. Lucas, dono do canal, que mais tarde se tornou um dos personagens do filme, concordou em disponibilizar o produto final em seu canal, que conta com mais de 100 mil inscritos, além de divulgar o projeto nas redes sociais do Malabarize-se.

4.4 Definindo personagens e elaborando entrevistas

Os personagens foram definidos de forma a reunir pessoas com experiências e visões diferentes dentro do circo de rua, contribuindo assim para que o documentário fizesse um retrato o mais completo possível do assunto.

Dessa forma, participam do filme artistas de diferentes gêneros, cidades e idades. Além disso, eles também possuem experiências diferentes entre si dentro do universo circense, por exemplo, alguns são itinerantes enquanto outros estão fixos em determinados locais, uns estão no mundo circense há anos enquanto outros estão no início da carreira.

As perguntas foram criadas de forma específica para cada entrevistado de acordo com suas experiências pessoais, entretanto, em sua maioria, eram perguntas que se referiam às suas histórias de vida, sem levantar questões muito técnicas. Além disso, as perguntas foram estruturadas de forma a deixar a entrevista o mais fluida possível, beirando a improvisação.

Primeiramente foi criada uma lista de perguntas de base para nortear todas as entrevistas, dividindo as questões por temas e em seguida as perguntas específicas baseadas nessa lista. A seguir, pode-se ver a lista de perguntas base:

- O que é o circo para você?
- O que é o circo de rua pra você?
- Qual é a essência da arte de rua?
- Como você chegou à arte de rua?
- Como é ser mulher e estar na rua?
- Você acredita que a arte de rua é marginalizada?
- Por que você escolheu esse caminho?
- Como você conheceu o circo?
- Qual a posição da sua família e amigos em relação ao seu trabalho?
- Você já sofreu algum tipo de preconceito?
- Você acha que as pessoas têm dificuldade de enxergar a arte como um trabalho?
- Na sua vida, você classifica o circo como trabalho ou arte?
- Gostaria que você comentasse um pouco sobre essa relação trabalho e arte.



- Quais os benefícios de trabalhar com algo assim?
- Quais as dificuldades?
- Como você vê o seu futuro?

PRODUÇÃO

5.1 Os Equipamentos

Os equipamentos utilizados nas gravações pertenciam às pessoas da equipe, não havendo necessidade de locação. Para a gravação do Se Essa Rua Fosse Minha foram utilizadas três câmeras Reflex HDSLR, sendo elas a Canon 60D, a Canon Rebel T5i e a Canon Rebel T6i.



Figura 10: Gravação com câmera Reflex
Fonte: Produção própria

As objetivas utilizadas variaram entre a Canon 18-55mm, a Canon 50mm e Sigma 70-300mm de acordo com a necessidade exigida pelo plano e pela iluminação.

Como todas as entrevistas foram realizadas em locações externas, não foi utilizado nenhum tipo de iluminação artificial, contando apenas com a ajuda de um rebatedor em alguns momentos. Para as gravações dos espetáculos, também utilizamos uma GoPro Hero 3 em alguns momentos.

Para a captação do som, foram utilizados um microfone direcional YOGA HT81, conectado a um *smartphone* Samsung Galaxy S5 que serviu como um gravador a partir da

utilização do aplicativo RecForge. Foi preciso pesquisar e estudar uma maneira de se obter retorno do som enquanto o mesmo estava sendo captado, dessa forma, foram realizados testes com diferentes equipamentos até tudo funcionar perfeitamente.

5.2 As Entrevistas

O documentário conta com sete entrevistas com diferentes artistas circenses. Elas foram feitas entre os meses de junho e setembro em diversas cidades. As entrevistas tiveram em média 1 hora de duração com aproximadamente 15 perguntas cada uma.

Ao começo de cada entrevista pedimos para os entrevistados tentarem sempre responder as perguntas de forma completa a fim de facilitar o processo de edição mais tarde. Além disso, nesse momento, pedimos que assinassem a autorização de uso de imagem.

Todas as entrevistas foram gravadas em ambientes comuns aos entrevistados, buscando sempre fazer com que todos se sentissem a vontade, resultando em entrevistas tranquilas que mais se pareciam com longas conversas.

5.2.1 Raxi Figueiredo

As gravações com a malabarista Raxi Figueiredo foram as primeiras a serem realizadas. De acordo com o cronograma inicial as gravações só aconteceriam a partir do mês de julho de 2016, porém, foi preciso adiantá-las por uma questão de disponibilidade da personagem. Dessa forma, os encontros com ela aconteceram nos meses de maio e junho de 2016, quando o projeto ainda estava na fase de criação. Apesar disso, a entrevista não sofreu perdas ou enfrentou dificuldades, pois os temas que seriam retratados no filme já estavam definidos e as perguntas foram feitas com base neles. Ao total foram 2 dias de gravação com a Raxi. No primeiro, foi realizada a entrevista, que teve duração de 1 hora e 30 minutos, na residência da entrevistada em Bauru. Esse fator foi muito importante, pois colaborou muito para que ela se sentisse a vontade na frente das câmeras e trouxe um ar mais íntimo e pessoal para a entrevista como era desejado desde o início.

Contamos com a equipe completa nesta gravação, o que possibilitou o uso de 3 câmeras (Canon 60D e Canon Rebel T5i), sendo duas posicionadas em tripés enquadrando um plano geral frontal e um plano próximo lateral, e a última na mão enquadrando planos detalhes. O som foi captado com um microfone direcional, ou boom, (YOGA HT 81) conectado em um *smartphone* (Samsung Galaxy S5) que serviu como gravador utilizando o

aplicativo RecForge. No mapa abaixo, é possível compreender a disposição dos elementos, da entrevistada e da equipe.

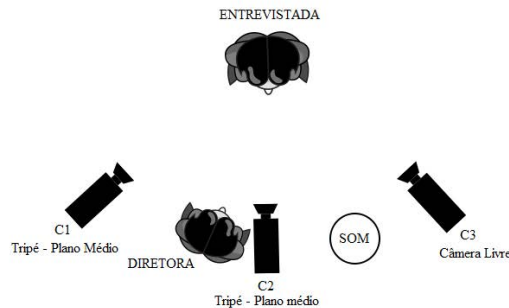


Figura 11: Mapa da entrevista com a Raxi
Fonte: Produção própria

Durante todas as entrevistas, a prioridade foi extrair depoimentos sinceros que expressassem a personalidade dos artistas. Para isso, foi de extrema importância que todos se sentissem à vontade com a equipe inteira. Como tínhamos tempo de sobra neste primeiro dia com a Raxi, foi servido um pequeno café da manhã antes do início da gravação para que todos se sentissem mais à vontade. Esse momento refletiu no resultado da entrevista, pois desde o início houve a possibilidade de um diálogo entre a entrevistada e a equipe.

Antes de começar a entrevista, foi pedido a Raxi que respondesse às perguntas de maneira completa, de forma a ajudar na hora de cortar e montar a narrativa na edição. Havia 19 perguntas específicas a serem feitas para ela, entretanto, conforme a gravação foi acontecendo novas perguntas foram surgindo e outras foram substituídas.

Em geral, a entrevista foi realizada de forma tranquila. Enfrentamos alguns imprevistos relacionados ao clima, como uma garoa que nos obrigou a pensar em um local coberto para a entrevista e depois a repentina chegada do sol, que fez com que algumas imagens ficassem levemente estouradas.

No segundo encontro com a Raxi gravamos no centro da cidade de Bauru, onde ela jogou malabares com claves em um semáforo por aproximadamente 1 hora enquanto captamos imagens. Além disso, filmamos a Raxi se apresentando com o bambolê na Praça Rui Barbosa.

Enfrentamos mais dificuldades nesse dia, pois não havia muito controle sobre a situação, já que não se conhecia exatamente a rotina de trabalho dela no semáforo. Com isso, pudemos perceber duas coisas: como o trabalho no semáforo é pesado e que as câmeras



deveriam ter o máximo de liberdade possível para enquadrar imagens diferentes e originais para o documentário. Assim, optamos por utilizar 3 câmeras (Canon 60D e Canon Rebel T5i) na mão de forma bastante livre. Em relação ao áudio, foi utilizado o microfone direcional da mesma forma que no primeiro dia para captar o som ambiente e algumas falas específicas da Raxi.

Às 9 horas da manhã a gravação teve início e o sol em Bauru já estava bem forte, o que prejudicou um pouco a fotografia. Devido a este fator e os outros já citados a cima, demorou um pouco para que a equipe encontrasse um ritmo de trabalho, mas no fim conseguimos captar imagens autênticas do trabalho de Raxi nas ruas.

Ainda nesse dia, aprendemos o quanto é importante e pode ser interessante ouvir as sugestões da pessoa que está sendo entrevistada. A ideia inicial para as imagens com o bambolê era gravar no parque Vitória Régia, entretanto, após uma sugestão da equipe e da Raxi, essa locação foi trocada pela Praça Rui Barbosa, no centro da cidade, o que trouxe um aspecto mais urbano para o filme e representou muito bem a cidade de Bauru.

5.2.2 Markinhos

A ideia de entrevistar alguém do Circo no Beco surgiu a partir da primeira entrevista com a Raxi Figueiredo, que ressaltou a importância do encontro que ocorre na cidade de São Paulo toda segunda feira. Mais pra frente, aprendemos que a maioria dos encontros de circo acontecem nas segundas-feiras, pois é tradicionalmente o dia de folga dos artistas de rua.

Como não conhecíamos o Circo no Beco e nem tínhamos contato com alguém de lá, o primeiro contato foi feito através da página oficial deles no *Facebook*. A partir disso, foi realizada uma visita ao encontro no dia 17 de julho de 2016 com o intuito de conhecer o ambiente e conseguir agendar uma entrevista com um dos organizadores. Certamente, essa visita foi muito desafiadora, pois não conhecíamos ninguém e não encontramos a pessoa com quem conversamos pelo *chat* do *Facebook*. Mesmo assim, fomos bem recebidos e encontramos o Markinhos, que é um dos fundadores do Circo no Beco e se disponibilizou para uma entrevista a ser gravada na semana seguinte.

Para realizar esta entrevista, a equipe completa viajou de Bauru para São Paulo. Assim, utilizamos 3 câmeras (Canon 60D e Canon Rebel T5i), sendo duas posicionadas em tripés enquadrando um plano geral frontal e um plano próximo lateral e a última na mão

enquadrando planos detalhes. O som foi captado com um microfone direcional (YOGA HT81) conectado a um *smartphone* (Samsung Galaxy S5) utilizando o aplicativo RecForge.

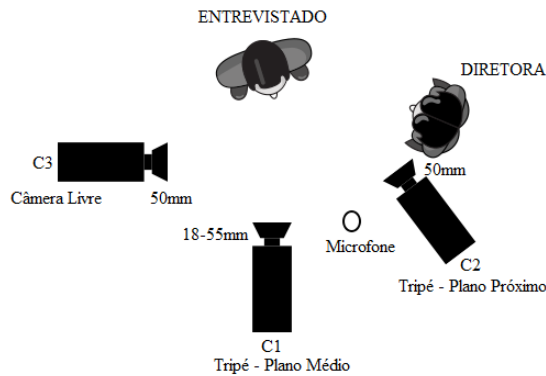


Figura 12: Mapa da entrevista com o Markinhos
Fonte: Produção própria

Após conhecer o entrevistado e a história do Circo no Beco, 10 perguntas foram criadas especificamente para esta gravação e apesar de terem sofrido algumas alterações de ordem na hora, guiaram a entrevista do começo ao fim. Após a entrevista, nos concentramos em captar imagens do personagem em ação com suas claves, enquanto ainda conversava conosco.

A gravação estava marcada para iniciar as 15 horas, entretanto, o Markinhos teve um imprevisto e chegou apenas as 17 horas. O atraso preocupou a todos, especialmente porque o entrevistado não possuía celular e não conseguimos entrar em contato com ele facilmente. Somente por volta das 16 horas tivemos a confirmação de que ele estava chegando, porém, tínhamos agora que lidar com outro problema: o sol (ou a falta dele). Quando Markinhos chegou, explicamos que tínhamos que começar gravar o mais rápido possível para não perdemos a luz, já que o sol estava para se por. Ele compreendeu e nos ajudou no que foi preciso, mostrando-se sempre preparado. Apesar da pressa, não conseguimos fugir da mudança de luz e embora possuíssemos lentes claras o suficiente para filmar em uma situação de menos luz, sofremos com a mudança de intensidade.

Apesar disso, o resultado da conversa com o Markinhos foi muito satisfatório e animou a equipe inteira, pois foi possível começar a enxergar melhor como o circo de rua realmente acontece em uma cidade grande. Além disso, permanecemos no Beco até de noite

para captar imagens do treino de malabares semanal e das apresentações que aconteceram naquela noite.

5.2.3 Fran Marinho

Entrevistar a Fran Marinho foi uma grande honra e muito importante para o filme já que ela é fundadora do Circo do Asfalto, uma companhia de circo de referência no Brasil. Realizada na cidade de Santo André, dentro do galpão do Circo do Asfalto, a entrevista durou em torno de 1 hora e abordou questões específicas, como o fato de construir uma família dentro desse universo.

O contato com ela se deu a partir de amigos em comum, o que facilitou muito a produção e organização da gravação.

Para esta gravação, contamos com uma equipe de quatro pessoas, que viajaram de Bauru ao ABC Paulista. Utilizamos 3 câmeras (Canon 60D e Canon Rebel T5i), sendo duas posicionadas em tripés enquadrando um plano geral frontal e um plano próximo lateral. A última câmera ficou na mão enquadrando planos detalhes. O som foi captado com um microfone direcional (YOGA HT 81) conectado a um *smartphone* (Samsung Galaxy S5) utilizando o aplicativo RecForge.

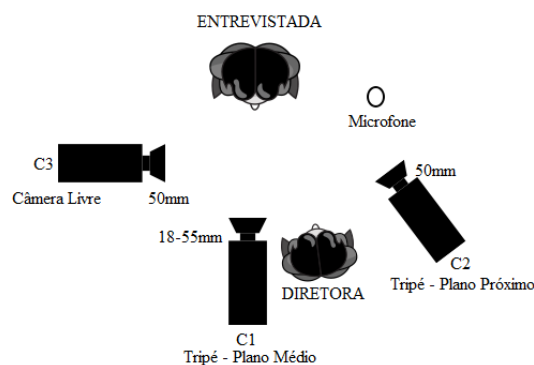


Figura 13: Mapa da entrevista com a Fran
Fonte: Produção própria

Enfrentamos alguns imprevistos, em especial com um dos cartões de memória que parou de funcionar durante a gravação, entretanto, conseguimos contornar os problemas e realizar a entrevista com sucesso.

A entrevista com a Fran nos deu uma verdadeira lição sobre a essência do circo de rua ao declarar sua posição como artista em relação ao público, reiterando que a arte deve ser para todos.

5.2.4 Choco

O Choco é palhaço e malabarista e está no começo de sua carreira como artista circense. Sua participação no filme foi essencial para que houvesse diversidade entre as entrevistas. Além disso, ele é um grande amigo e esteve o tempo todo auxiliando na criação e pré-produção do filme.

A gravação foi realizada em São Bernardo do Campo, em uma praça no centro da cidade, que foi escolhida de maneira improvisada no dia porque enfrentamos dificuldades com a locação inicial, que seria no galpão de circo do CAJUV (Coordenadoria de Ações Para a Juventude), pois estava proibido registrar imagens do local durante o ano de eleição.

A entrevista teve duração de 1 hora e não houve imprevistos técnicos. Como o entrevistado já era conhecido, o clima estava descontraído e a equipe em sintonia. As perguntas elaboradas para ele não se distanciaram muito das perguntas de base, já que ele não tinha muita experiência, mas foi interessante perceber sua visão otimista sobre o futuro e seu senso de humor frente às dificuldades enfrentadas no mundo circense, o que nem sempre esteve presente em outras entrevistas.

Para esta gravação, contamos com uma equipe de quatro pessoas, que viajaram de Bauru ao ABC Paulista. Utilizamos 3 câmeras (Canon 60D e Canon Rebel T5i), sendo duas posicionadas em tripés enquadrando um plano geral frontal e um plano próximo lateral. A última câmera ficou na mão enquadrando planos detalhes. O som foi captado com um microfone direcional (YOGA HT 81) conectado a um *smartphone* (Samsung Galaxy S5) utilizando o aplicativo RecForge.

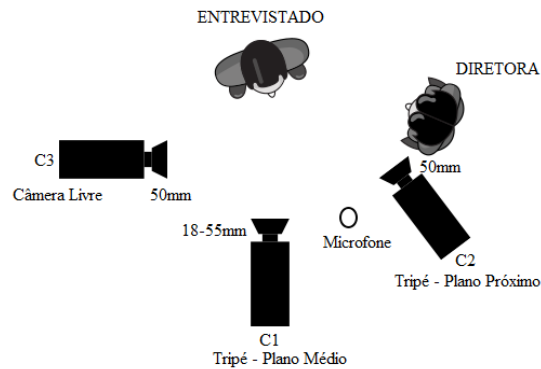


Figura 14: Mapa da entrevista com o Choco
Fonte: Produção própria

Após a entrevista, filmamos o Choco trabalhando em um semáforo no centro da cidade. Dessa vez, já conhecíamos melhor o ritmo do trabalho e a gravação fluiu com mais facilidade. Utilizamos duas câmeras (Canon 60D) com duas objetivas diferentes, a 70-300mm SIGMA para planos fechados e a 50mm CANON para planos mais abertos.

Além disso, esse foi o momento em que pudemos fazer alguns experimentos com a GoPro Hero 3, como o plano em que o artista usa a câmera como uma das claves no jogo de malabares.



Figura 15: Uso da GoPro no lugar de uma das claves
Fonte: Produção própria



Figura 16: Uso da GoPro no lugar de uma das claves
Fonte: Produção própria

5.2.5 Rio de Janeiro

Desde o início havia a intenção de visitar o máximo de lugares possíveis para a criação de uma narrativa que mostrasse as diferentes faces do circo de rua pelo Brasil. Essa ideia logo se tornou irreal graças ao baixo orçamento da produção e a escolha de priorizar a qualidade técnica do produto, gravando sempre com uma equipe mínima. Apesar disso, era de extrema importância para cumprir seu papel que o documentário não ficasse apenas no estado de São Paulo, embora tenha viajado diferentes cidades por ele. O Rio de Janeiro dispõe de uma cena de arte de rua muito forte, reconhecida no país inteiro. Além disso, possui um dos mais antigos encontros de malabares e diversos coletivos e escolas de circo contemporâneo. Esses fatores fizeram com que a cidade fosse escolhida como cenário para as únicas gravações fora do estado de São Paulo, trazendo diversidade ao filme.

No Rio, encontramos personagens que mudaram o curso do documentário, como a artista Carina Ninow e o Lucas, que trouxeram uma visão particular sobre a relação da arte com a rua. É importante ressaltar que, diferente do que é comum encontrar no estado de São Paulo, o Rio de Janeiro tem uma ligação muito especial com a rua e a ocupação dos espaços públicos, o que surpreendeu e justificou perfeitamente a escolha pela cidade.

5.2.6 Carina Ninow

As gravações com a artista Carina Ninow aconteceram no dia 12 de setembro de 2016 em duas etapas. A entrevista teve como cenário a Cinelândia, local onde acontecem apresentações de rua do Coletivo Bravos, do qual a artista faz parte. A câmera foi posicionada

de forma a enquadrar o conhecido Teatro Municipal do Rio de Janeiro como plano de fundo a fim de representar a cidade e mostrar o lado urbano do Rio de Janeiro.

A entrevista foi realizada com uma equipe reduzida, contando apenas com direção e assistência de direção, que desempenharam também as funções de câmera e operação de som.

Assim, utilizamos 2 câmeras (Canon 60D) e um microfone direcional (YOGA HT 81) conectado em um *smartphone* (Samsung Galaxy S5) como gravador nessa gravação. A primeira câmera ficou posicionada em um tripé enquadrando um plano médio frontal de Carina enquanto a segunda ficou na mão, enquadrando planos detalhes e planos laterais. A seguir está o mapa com a relação de câmeras e microfone da entrevista da Carina:

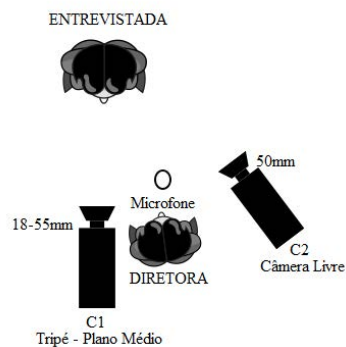


Figura 17: Mapa da entrevista com a Carina
Fonte: Produção própria

A entrevista aconteceu durante a tarde e durou em torno de 1 hora. Havia 12 perguntas preparadas para a Carina que envolviam sua história de vida e o Coletivo Bravos, entretanto, a entrevista acabou se transformando em uma longa conversa e outras questões surgiram.

Nesse caso, como a equipe não conhecia a cidade nem a entrevistada, demorou um pouco para que todos se sentissem a vontade, mas contamos com um elemento surpresa: a personalidade da entrevistada. Embora estivéssemos bastante apreensivas, a Carina se mostrou muito aberta e simpática desde o início, o que transmitiu a segurança que faltava para a equipe naquele momento. Assim, conseguimos a melhor entrevista do filme, repleta de histórias e personalidade.

A convite da Carina, captamos imagens de um Palco Aberto organizado pelo Coletivo Bravos na Praça São Salvador, no qual vários artistas de apresentaram durante a noite.

Contamos com 3 câmeras para captar este evento pois adicionamos uma *GoPro Hero 3*. Além disso, optamos por não levar o microfone direcional nesse momento, pois a prioridade era conseguir imagens de cobertura de diferentes ângulos e de forma bastante livre. Infelizmente, a Carina não pode participar das apresentações naquela noite e por falta de disponibilidade deixamos o Rio de Janeiro sem captar imagens dela se apresentando.

5.2.7 Lucas

O contato com o Lucas se deu a partir de seu canal no *YouTube* chamado Malabarize-se. A princípio, o canal administrado por Lucas entrou como apoiador do documentário, entretanto, ao decorrer das entrevistas percebeu-se que ele era muito conhecido e exercia um importante papel em relação ao circo no país, principalmente por disseminar informações e conhecimento através da internet, além de ensinar e incentivar diversos artistas. Pensando nisso, decidimos convidá-lo para participar do documentário como entrevistado, trazendo a possibilidade de abrir uma discussão sobre a importância da internet para esse universo.

A gravação com o Lucas aconteceu em uma praça no bairro Catete na cidade do Rio de Janeiro. Durou aproximadamente 1 hora e abordou alguns assuntos específicos referentes ao seu canal no *YouTube*.

Em geral, a entrevista do Lucas destoou um pouco das demais, pois ele não trabalha mais na rua como artista embora ainda se apresente com menos frequência. Apesar disso, foi possível extrair idéias sobre a relação entre trabalho e arte e a utilização da internet como forma de divulgação e disseminação de conteúdos.

A entrevista foi realizada com uma equipe reduzida, contando apenas com direção e assistência de direção, que desempenharam também as funções de câmera e operação de som. Assim, foram utilizadas 2 câmeras (Canon 60D) e um microfone direcional (YOGA HT 81) conectado em um *smartphone* (Samsung Galaxy S5) que serviu como gravador. A primeira câmera ficou posicionada em um tripé, enquadrando um plano médio frontal, enquanto a segunda ficou na mão, enquadrando planos detalhes e planos laterais.

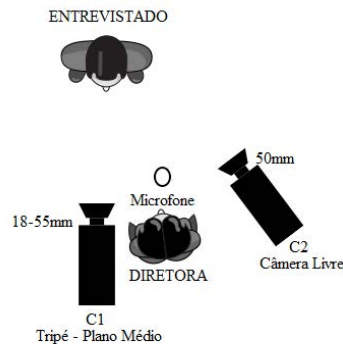


Figura 18: Mapa da entrevista com o Lucas
Fonte: Produção própria

Houve dificuldade com a locação, pois não a conhecíamos e era um local barulhento e aberto. Além disso, o sol estava muito forte e por falta de equipamentos necessários para essa situação, algumas imagens ficaram estouradas. Em relação ao som, por utilizarmos um microfone direcional, foi possível reduzir os barulhos externos.

Por fim, após terminar a gravação, captamos imagens de Lucas treinando malabares com três bolinhas, no mesmo local.

5.2.8 Anny

A entrevista com a Anny foi a última a acontecer. Conhecemos ela durante a gravação do Palco Aberto Noite do Bernô em São Bernardo do Campo, no qual ela participou como apresentadora. Logo, pensamos que seria muito interessante entrevista-la por ser uma artista de outro país. Anny é colombiana e mora no Brasil a 3 anos, vivendo de circo de rua e dança.

Dessa vez, contamos com apenas 2 pessoas na equipe, porém, utilizamos 3 câmeras (Canon 60D e Canon REBEL T6i), sendo duas posicionadas em tripés enquadrando um plano geral frontal e um plano próximo lateral e terceira câmera na mão enquadrando planos detalhes.

O som foi captado com um microfone direcional (YOGA HT 81) conectado em um *smartphone* (Samsung Galaxy S5) utilizando o aplicativo RecForge como gravador de áudio.

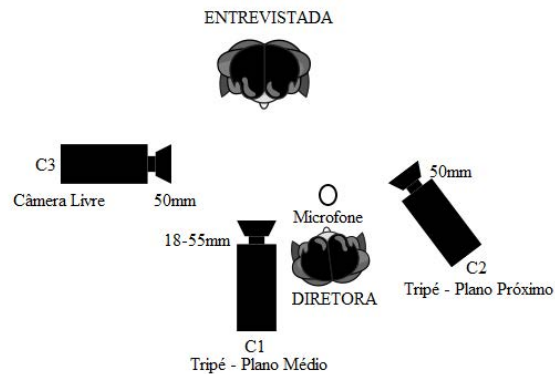


Figura 19: Mapa da entrevista com a Anny
Fonte: Produção própria

A gravação aconteceu em uma praça no centro de São Bernardo do Campo, locação já utilizada na entrevista com o Choco. Dessa vez, nos deparamos com uma chuva inesperada que fez com que fosse necessário mudar o horário da gravação.

Como nas entrevistas anteriores, teve duração de aproximadamente 1 hora e contou com 14 perguntas que foram pensadas de forma a se aproximar de assuntos específicos como as diferenças culturais entre os países.

Após a entrevista, filmamos Anny conduzindo uma bola de contato e jogando claves no mesmo local.

5.3 Os espetáculos

Além das entrevistas, era importante que o documentário mostrasse o circo de rua em ação. Dessa forma, alguns espetáculos de rua fizeram parte do cronograma de gravações.

A Noite do Bernô aconteceu em São Bernardo do Campo, em uma praça conhecida como Área Verde. Contou com apresentações de três dos entrevistados do filme, além da realização de um Palco Aberto.

A Noite de Varieté aconteceu no galpão do Circo do Asfalto, em Santo André e também contou com a presença de uma das entrevistadas no filme, além de diversos outros artistas.

No Rio de Janeiro, filmamos o Palco Aberto da praça São Salvador, com a presença de artistas locais e organização do Coletivo Bravos.

As gravações dos espetáculos foram todas realizadas com duas câmeras (Canon 60D) além de uma GoPro Hero3. A captação de áudio aconteceu apenas em alguns momentos mais importantes com a utilização de um microfone direcional, entretanto, em razão da equipe reduzida, deu-se prioridade para as imagens.

5.4 As últimas gravações

As últimas gravações se referem às cenas e paisagens urbanas que aparecem durante o filme. Com todas as entrevistas gravadas, chegou à hora de rever todo o material e estruturar um roteiro. Nessa etapa, ficou claro que para conseguir o ritmo desejado na montagem do filme, seria necessária uma quantidade maior de imagens de cobertura. O cronograma previa uma última diária para gravar as luzes desfocadas que aparecem no início e final do filme, entretanto, imagens de cenas cotidianas e paisagens urbanas foram acrescentadas neste momento. Elas foram gravadas na cidade de Bauru no mês de novembro.

De forma bastante livre e com a intenção de captar a maior quantidade de cenas e objetos urbanos, foram utilizadas duas câmeras (Canon 60D e Canon 70D) com as objetivas 18-135mm e 70-300mm para captar as imagens da cidade.

Para atingir o efeito desejado para os créditos iniciais do filme, foi necessária a utilização da distancia focal 300mm e a abertura f/5.6, possibilitando uma profundidade de campo pequena que permitiu a realização do efeito de desfoque completo das luzes dos carros.

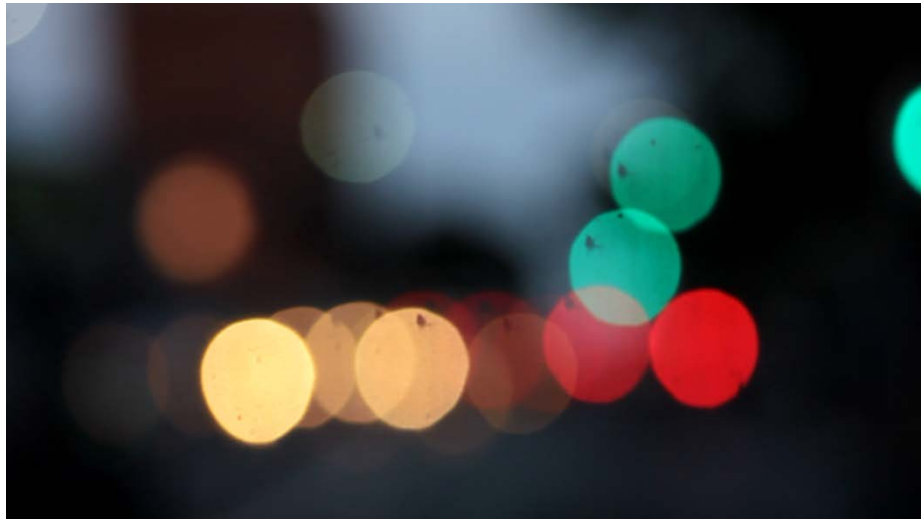


Figura 20: Desfoque das luzes dos carros usado nos créditos iniciais
Fonte: Produção própria

PÓS PRODUÇÃO

6.1 O Roteiro

Na grande maioria das vezes a produção de um documentário trabalha com um roteiro aberto, o que significa que não há roteiro antes das realizações das entrevistas, já que essas podem tomar diferentes rumos de acordo com as respostas e levar o filme a tomar caminhos inesperados.

O roteiro de Se Essa Rua Fosse Minha foi escrito nos meses de setembro e outubro, após a finalização das gravações. Para isso, foi utilizado um modelo de roteiro de duas colunas (áudio e vídeo).

Com o decorrer das entrevistas, foi percebido que seria necessário fazer uma decupagem antes de fato partir para o roteiro já que as entrevistas estavam durando em torno de 1 hora cada, totalizando mais de 8 horas de material bruto.

Assim, ao final de cada entrevista, os arquivos de áudio e vídeo foram organizados e logo decupados, realizando uma espécie de minutagem. Esse processo foi feito pela assistente de direção Carolina Maris, que separou as respostas dos entrevistados em temas e níveis de importância.

A produção do roteiro em si partiu dos temas definidos antes mesmo das entrevistas. Dessa forma, as falas de todos os entrevistados sobre determinado tema foram selecionadas e depois organizadas de maneira a criarem um sentido juntas e, por último, cortadas. A divisão da estrutura do documentário e das entrevistas em temas foi um grande facilitador na hora de escrever o roteiro.

6.2 Identidade Visual

Foi na etapa de pós-produção que a identidade visual foi feita, pela Raquel Oyakawa. A intenção foi trazer elementos urbanos para a identidade visual, referenciando assim, a rua. Para isso, a arte foi desenvolvida de modo a se parecer com um *stencil* em um muro, técnica de pintura cada vez mais vistas nas cidades.

O chapéu é um importante elemento presente na identidade visual, pois está diretamente ligado a cultura da arte de rua, já que é muitas vezes utilizado para se receber o dinheiro da platéia, remetendo a expressões famosas desse universo como “passar o chapéu”.



A paleta de cores é basicamente composta pelas cores primárias amarelo, azul, e vermelho que estão relacionadas ao circo no inconsciente coletivo. Já o preto, mais uma vez, faz uma ligação com a estética urbana.



Figura 21: Logo do projeto
Fonte: Produção própria

6.3 Trilha Sonora

A trilha sonora do filme é toda composta por músicas de direitos autorais gratuitos encontradas na internet. A idéia de produzir uma trilha sonora original não funcionou por questões de orçamento e cronograma, mas pensa-se em realizar esse trabalho após a entrega do trabalho de conclusão de curso, antes da disponibilização oficial do filme.

Ao selecionar as músicas, a idéia foi buscar por algo que remetesse ao estilo circense, mas não de uma maneira óbvia, como as músicas que se escuta normalmente nos picadeiros. Assim, buscamos referências na música clássica e francesa, procurando por instrumentos como acordeom e xilofone.

6.4 A Montagem e Finalização

Como diretora, participei de todas as partes do processo de produção do documentário. Desde o início, sabia que a edição seria um grande desafio porque não tenho afinidade com essa área. Dessa forma, contei com a ajuda de amigos e a montagem foi feita por Felipe Fernando e Andrey Sanches, utilizando o software de edição Premiere CC.

O primeiro passo da montagem foi sincronizar as câmeras das entrevistas com os áudios e montar um filme só com as entrevistas para que fosse possível analisar a narrativa, já que ela foi completamente baseada nas entrevistas. Isso possibilitou enxergar o roteiro com outros olhos e já fazer algumas mudanças.

Em seguida, as imagens de cobertura foram inseridas e as pausas entre os temas que estruturam o documentário foram montadas de acordo com o roteiro gerando um primeiro corte.

Com 52 minutos, o primeiro corte ainda não se parecia nada com o filme final, mas foi a partir dele que se percebeu que muita informação estava repetida, causando cansaço e um ritmo lento. Um segundo corte foi feito, cortando as partes repetitivas, deixando o filme com 35 minutos. Nesse momento, alguns ajustes para que houvesse mais dinamicidade também foram feitos. A seguir, foram acrescentados os CGs e os créditos.

A finalização começou pelo tratamento de cor, que trouxe beleza á todas as imagens. Esse processo foi realizado no Adobe Premiere CC, que possui configurações avançadas em colorização.



Figura 22: Imagem com tratamento de cor
Fonte: Produção própria



Figura 23: Imagem sem tratamento de cor
Fonte: Produção própria

O tratamento do som veio por último, realizado pela diretora de som Thais Martin também no software Adobe Premiere CC. A intenção, além de deixar o áudio o mais limpo possível, era nivelar os volumes para que não houvesse estranhamento entre as entrevistas, além de ajustar a trilha sonora e acrescentar elementos criativos, como os sons de rua ao fundo no momento em que se discute esse tema.

6.5 Divulgação

Desde sempre, a intenção era veicular o filme na internet gratuitamente para que pudesse alcançar o maior número de espectadores possível. Respeitando isso, o filme será divulgado no canal do *Youtube* Malabarize-se, que possui mais de 100 mil inscritos, de acordo com a parceria traçada entre a produção o canal.



Além disso, uma página no *Facebook* será criada unicamente para facilitar a comunicação entre a produção e o público, criando um canal de resposta a fim de receber críticas e opiniões que possam criar uma discussão sobre os temas abordados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização deste projeto tive a oportunidade de conhecer um lado do mundo que não conhecia e que muitas pessoas não imaginam que existe. A arte, em especial a de rua, ganhou outro significado e local de importância na minha vida, e assim espero que tenha sido também para os espectadores deste projeto.

Nunca se viveu em um mundo com tanto fluxo, de informação, pessoas, e capital. Consequentemente, nunca se viveu em um mundo com tanta arte, embora esse ritmo acelerado possa tornar difícil enxergá-la.

Ao produzir este documentário, pude me atentar a maneira como a arte passa muitas vezes despercebida, não só na sociedade, como fica claro ao discutir essa questão no filme, mas também no mundo acadêmico, já que faltam pesquisas e estudos sobre assuntos específicos como o circo de rua.

Pensar, criar e produzir um documentário não foi uma tarefa fácil, mesmo com um prazo um pouco maior do que um ano pra realizá-la. Desde as primeiras pesquisas ficou claro que essa não seria uma história fácil de contar mesmo que fazendo isso por um único ponto de vista. O resultado final mostrou como o audiovisual, e principalmente o documentário, tem muito a oferecer ao se falar de representatividade. O circo sofre com a falta de incentivo, de apoio e regulamentação há anos, mas sobrevive às dificuldades de uma forma independente e produções como essas fazem a diferença no momento em que se mostram como aliados para que o circo continue resistindo.

Este projeto reafirmou minha admiração pelo gênero documentário e me proporcionou a oportunidade de experimentar o melhor desse mundo, que é efetivamente adentrar em outra realidade e fazer com que os outros queiram também conhecê-la.



REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Juliano Nogueira. **Isto Não é Um Filme de Ficção: Bill Nichols e a Introdução ao Documentário**. Minas Gerais, 2014.

BASTOS, Suara. **O Circo e Suas Contradições de Sentido: Um Olhar Para a Perspectiva do Circense Sobre Seu Cotidiano**. São Paulo: USP, 2013.

BOUCHARD, Annie. LAFORTUNE, Michel. **Guia do educador de circo social: das lições de circo às lições de vida**. Canadá: Cirque Du Soleil, 2011.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - Estratégias Para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

Comissão da Cultura. **Artistas Reivindicam Políticas Públicas Voltadas a Atividade Circense**. Brasília. Junho de 2013. Disponível em:
<http://blogosfero.cc/comculturanacamara/blog/artistas-reivindicam-politicas-publicas-voltadas-a-atividade-circense> Acesso em: 16 de maio de 2016.

CUNHA, Lúcio. **O Show Não Pode Parar: Um Retrato Sobre a Arte Circense**. Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa, 2010.

FERREIRA, Maria Alice. **Arte Urbana no Brasil: Expressões da Diversidade Contemporânea**. Paraná: Encontro Nacional de História da Mídia, 2011.

ILKIU, Elisângela. **Respeitável público, o Circo chegou: trajetória e malabarismos de um espetáculo**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

KAPLAN, Rosane dos Santos Cantanhede. **Arte de Rua: Superfícies e Circuitos**. Rio de Janeiro: UFF, 2011.

LARA, Arthur Hunold. **Grafite: Arte Urbana em Movimento**. São Paulo: ECA, 1996.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: Conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

MARIN, Tiago Rodrigues. **O Humanismo e a Arte Urbana**. São Paulo: USP, 2014.

NICHOLS, Bill. **A introdução ao documentário**. Campinas: Editora Papyrus, 2005.

OLIVEIRA, R. Z.; PINES JUNIOR, A. R.; SHING, V. C.; NUNES, T. R. A.; SILVA, T. A. C. **Do Circo Moderno ao Novo Circo: Breves Relatos Sobre uma História da Arte, Lazer e Entretenimento**. Ouro Preto: SESC, 2013.

PALLAMIN, Vera. **Arte Urbana**. São Paulo: Editora Annablume, 2000.

PUCCINI, Sérgio. **Introdução ao Roteiro de Documentário**. Campinas: Unicamp, 2008.



RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O Que é Mesmo Documentário?** São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é documentário?** Campinas: Unicamp, 2001.

ROSAS, Ricardo. **Notas Sobre o Coletivismo Artístico no Brasil.** Campinas, 2005.

SALLES, João Moreira. **A dificuldade do documentário.** Minas Gerais: Encontro da Anpocs, 2014.

REFÊRENCIAS FÍLMICAS

Circo é...Circo. Direção de Roberto Magro. Brasil: SescTV, 2016.

Sou Circo!. Direção de Alberto Vasconcelos. Brasil: Pulsar Filmes, 2016.



APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Sinopse e Argumento Narrativo

APÊNDICE 2 – Modelo de Autorização de Uso de Imagem

APÊNDICE 3 – Perguntas Específicas

APÊNDICE 4 – Exemplo de Decupagem

APÊNDICE 5 – Roteiro de Duas Colunas

APÊNDICE 6 – Cronograma



APÊNDICE 1 – Sinopse e Argumento Narrativo

Sinopse

O documentário faz um panorama sobre o Circo de Rua no Brasil através do ponto de vista dos artistas circenses que utilizam a rua como palco de seus espetáculos. Para isso, aborda questões de identidade, trabalho, arte e preconceito colocando em foco o a rotina desses artistas e a escolha por um diferente estilo de vida, muitas vezes, itinerante.

Argumento

O documentário desenvolverá um panorama sobre o circo de rua no Brasil, em especial sobre a arte dos malabares, relacionando questões como identidade, trabalho, arte e preconceito, a fim de abordar as diferentes visões e vertentes do circo de rua, a partir do ponto de vista de quem participa e dá vida a esse movimento.

Os principais personagens do documentário são os próprios artistas circenses que estão na rua de alguma forma, como a malabarista Raxi Figueiredo de Bauru (SP), que já viajou por diversos países através do seu trabalho nas ruas.

Companhias de circo de rua, como o Circo do Asfalto, que já realizou vários projetos sociais levando o circo de rua a pequenas cidades do Brasil, serão personagens chaves para a realização do projeto, trazendo para a discussão um ponto de vista político e social do assunto.

Além disso, encontros tradicionais de circo de rua, como o Circo no Beco, que ocorre toda segunda-feira no Beco do Batman em São Paulo, serão pontos essenciais para o desenvolvimento da narrativa, que busca, acima de tudo valorizar o circo de rua como arte, esporte e trabalho.

O documentário também se preocupa em mostrar a diversidade presente dentro deste movimento artístico, realizando entrevistas em diferentes cidades.



APÊNDICE 2 – Modelo de Autorização de Uso da Imagem

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
portador(a) de cédula de identidade nº _____,
CPF nº _____ **autorizo** a gravação e veiculação da
minha imagem e de meus depoimentos em qualquer meio de comunicação
vinculados à divulgação do documentário “Se Essa Rua Fosse Minha”, referente
ao TCC de Júlia Piccolo Von Zeidler, sem quaisquer ônus e restrições.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a
cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de
remuneração.

São Paulo – SP, ____ de _____ de 2016

Ass. _____

APÊNDICE 3 – Perguntas Especificas

PERGUNTAS ESPECÍFICAS PARA A RAXI

- 1) Gostaria que você falasse o seu nome, sua idade, sua cidade e o que você faz.
- 2) O que você entende como circo de rua?
- 3) Qual é a essência da arte de rua?
- 4) Você acredita que o circo é marginalizado?
- 5) Por que o circo está na rua?
- 6) Sobre as dificuldades de estar na rua, como é ser mulher e ser artista de rua? Você já passou por alguma situação difícil em relação a isso?
- 7) Sobre o preconceito, você acha que o circo em si sofre preconceito? E fica pior quando se fala em circo de rua?
- 8) Tem alguma situação que você queira contar em relação a isso?
- 9) Quem você era antes de ser artista circense? (Falar sobre outros trabalhos, família, sonhos, etc)
- 10) Como você conheceu o circo?
- 11) Como você conheceu o bambolê?
- 12) Como foi o processo de se tornar uma artista de circo de rua? Como sua família e amigos viram isso?
- 13) O que você acha que seria da sua vida sem o circo?
- 14) Na sua vida, você classifica o circo como o seu trabalho?
- 15) Gostaria que você comentasse sobre a relação entre trabalho e arte e como isso funciona na sua vida.
- 16) Como é a sua rotina?
- 17) Pra você, quais são os benefícios de viver a vida dessa maneira? E quais são as dificuldades?
- 18) Você acha que as pessoas tem dificuldade em enxergar o circo como trabalho? Você já passou por alguma situação que demonstre isso?
- 19) Tem alguma coisa que você queira acrescentar na entrevista?

APÊNDICE 4 – Exemplo de Decupagem

DECUPAGEM ENTREVISTA RAXI

- **Apresentação:**
7946 (aberta); 8214 (fechada); 5210 (movimento) : **00:00 - 0:37**
- **O circo de rua (grande palco):**
7946 (aberta); 8214 (fechada); 5210 (movimento) : **00:40 - 01:38**
- **Como conheceu o circo:**
7946 (aberta); 8214 (fechada); 5210 (movimento) : **03:00 - 04:55**
- **Como o circo mudou a vida dela:**
7947 (aberta); 8215 (fechada) : **00:24 - 01:03**
5211 (movimento) : **00:22 - 01:01**
- **Fazia biologia; priorizou terminar a faculdade e ganhou uma nova família:**
7947 (aberta); 8215 (fechada) : **01:03 - 01:48**
5211 (movimento) : **01:01 - 01:46**
- **Arriscou e decidiu desvincular-se da cidade:**
7947 (aberta); 8215 (fechada) : **02:40 - 03:40**
5211 (movimento) : **02:38 - 03: 38**
- **Trabalho com contrato; roda x semáforo**
7947 (aberta); 8215 (fechada) : **03:48 - 04:20**
5211 (movimento) : **03:46 - 04:18**

APÊNDICE 5 – Roteiro de duas colunas

VÍDEO	ÁUDIO
<p>Luzes de carros</p> <p>Imagem faixa de pedestre</p> <p>Inserir Logo Se Essa Rua Fosse Minha</p> <p>Imagem Raxi Bambolê - Bauru</p>	<p>“Primeiro que a rua é rua em todos os lugares do mundo” (Raxi 02:00 7946)</p>
<p>INTRODUÇÃO - ARTE DE RUA</p> <p>Raxi - Bambolê (Raxi 8247)</p> <p>Entrevista - GC Raxi</p> <p>Entrevista - GC Markinhos</p> <p>Entrevista</p> <p>Entrevista - GC Fran</p> <p>Imagem Plateia</p> <p>Entrevista - GC Anny</p> <p>Imagem de carros passando</p> <p>Imagem Palco Maravilha Cinelândia</p> <p>Entrevista - GC Raxi</p> <p>Entrevista - GC Carina</p>	<p>INTRODUÇÃO - ARTE DE RUA</p> <p>“E a rua... Grande palco” (Raxi 01:09-01:36 7946)</p> <p>“A época que eu comecei... Palco aberto” Markinhos 04:58-05:46 8111)</p> <p>“A arte de rua... mensagem” (Anny 00:47-00:57 9955) “Aquilo que não pode ser dito nas portas fechadas” (Anny 01:15-01:20 9955)</p> <p>“É uma arte muito democrática... pessoas iguais” (Fran 07:51-08:48 8972)</p> <p>“Bom, muitas pessoas não têm acesso... Né?” (Anny 03:21-03:31 9955)</p> <p>“Mas na rua... mensagem” (Anny 03:46-03:55 9955)</p> <p>“Eu acho que você formar uma plateia... nesse ponto” (Carina 07:00-07:24 0468)</p> <p>“E o que a arte faz?... “Quais são as questões?” (Raxi 06:33-06:45 7953)</p> <p>“Porque o fato... Se divertir” (Carina 06:49 0470) “Qualquer arte de rua... e de si mesmo” (Carina 07:39-07:47 0470)</p>

APÊNDICE 6 - Cronograma

Etapas/Meses	Abril	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.
Pesquisa e Leitura											
Criação											
Sinopse e Argumento											
Produção											
Roteiro											
Montagem											
Finalização											